

Arcaísmos do português antigo no português do Cariri cearense

Old Portuguese archaisms in Cariri Portuguese

Demartone Oliveira BOTELHO (UFOP)
demartoneob@gmail.com

Diego Bezerra de SANTANA (UFC)
dbsantana@alu.ufc.br

Recebido em: 15 de abr. de 2022.

Aceito em: 24 de jun. de 2022.

BOTELHO, Demartone Oliveira; SANTANA, Diego Bezerra de. Arcaísmos do português antigo no português do Cariri cearense. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 12, n. 2, e2477, p. 57-79, maio-ago./2022. DOI: 10.22168/2237-6321-22477.

Resumo: Esta pesquisa visou observar as heranças lexicais oriundas do português arcaico no português moderno popular do Cariri cearense. No que diz respeito ao corpus, foi restringido, no português arcaico, ao *Cancioneiro da Ajuda* e ao *Cancioneiro da Vaticana*, e, no português do Cariri, às obras de Patativa do Assaré. Quanto ao referencial teórico, fundamentou-se em três eixos: aspectos sócio-históricos da língua portuguesa; conceitos fundamentais da Filologia e da Linguística Histórica, como os de léxico, étimo e arcaísmo; e o rastreio etimológico apresentado por dicionários e manuais etimológicos. Como resultados, obtiveram-se algumas unidades lexicais que corroboraram os objetivos desta pesquisa, sendo um tema frutífero para a Filologia e a Linguística Histórica.

Palavras-chave: Arcaísmo. Variação linguística. Etimologia.

Abstract: This research aimed to observe the Old Portuguese lexical inheritances in the modern Cariri Portuguese. Regarding the corpus, it was restricted, in Old Portuguese, to Cancioneiro da Ajuda and Cancioneiro da Vaticana, and, in Cariri Portuguese, to the works of Patativa do Assaré. Concerning theoretical framework, it was based on three axes: socio-historical aspects of the Portuguese language; fundamental concepts of Philology and Historical Linguistics, such as lexicon, etymon, and archaism; and etymological tracking presented by etymological dictionaries and etymological manuals. As a result, we obtained some lexical units that corroborated the objectives of this research, being a fruitful theme for Philology and Historical Linguistics.

Keywords: Archaism. Variation in language. Etymology.

Introdução

Algumas das perguntas mais arquetípicas do humano talvez sejam “quem sou eu?”, ou “de onde vim e para onde vou?”, ou “por que estou aqui e qual meu propósito?”. Esses questionamentos intermináveis da ontologia humana tomam diversos níveis de abstrações e mobilizações em cada pessoa ao longo de sua vida. E todas essas inquietações existenciais podem, talvez, ser resumidas em uma temática comum: *identidade*. Do latim *idem* (“o mesmo”), o pronome demonstrativo latino se converte historicamente em um substantivo português que tenta retomar a essência da coisa humana em si: o cerne do que seja a tal *identidade*.

Não obstante, essa essência é uma *unitas multiplex*, isto é, “uma unidade na diversidade”. Portanto, dispor-se a compreender a identidade humana é igualmente dispor-se a compreender a diversidade antropológica humana nos seus diversos níveis: corporais, sensitivos, afetivos, comportamentais, cognitivos, relacionais, sociais, culturais, históricos, espirituais, enfim, todos os múltiplos contextos que compõem o tecido da existência humana.

Contudo, nem todos esses níveis podem ser acessados diretamente pela consciência *hic et nunc*, seja por entraves de ordem pessoal, seja por de ordem coletiva. O esquecimento é certamente um empecilho notável quando se trata de resgatar essas origens diversas da identidade humana. Coaduna-se com essa perspectiva a de Jean Lauand (2007), para quem:

[...] o conteúdo das experiências não está totalmente disponível a nosso saber consciente. Pode ocorrer por exemplo que as experiências, as grandes experiências que podemos ter sobre o homem e o mundo, brilhem com toda a viveza por um instante na consciência e depois, sob a pressão do quotidiano, comecem a desvanecer-se, a cair no esquecimento... Seja como

for, não é que se aniquilem (se se aniquilassem não restaria sequer a possibilidade de filosofar...), mas se transformam, se tornam...: *instituições, formas de agir do homem e linguagem*. [...] (LAUAND, 2007, p.125) (grifo do autor).

Tratando especificamente deste último sítio, na linguagem ficam latentes, transverberados, sobretudo, no léxico, os valores que norteiam as instituições e as formas de agir. É nesse sentido que uma das formas de resgate antropológico e identitário das diversas comunidades humanas se dá por meio da etimologia, entendida como uma “arqueologia da sabedoria coletiva, submersa na língua.” (BORDELOIS, 2006, p. 17-18). Alie-se a essa noção de sabedoria coletiva a de que a língua é um patrimônio, ou herança, de um povo aos seus descendentes, como expresso na Declaração Universal dos Direitos Linguísticos (2003, art.º 7, 1. e 2.):

1. Todas as línguas são a expressão de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, pelo que devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções.
2. Cada língua é uma realidade constituída colectivamente e é no seio de uma comunidade que ela está disponível para o uso individual como instrumento de coesão, identificação, comunicação e expressão criadora (OLIVEIRA, 2003, art.º7, 1. e 2.).

A investigação etimológica, contudo, não é novidade de nossa época. Desde o *Crátilo*, de Platão, por exemplo, é notável o esforço de diversos pensadores em compreender a historicidade na lexicultura das diversas línguas. Contudo, é somente nos meados do século XIX em diante que a Etimologia, apoiada no escopo teórico da Filologia, toma um rigor propriamente científico de investigação.

Portanto, faz-se pertinente a inserção da Filologia como ciência basilar deste estudo, uma vez compreendida como:

em sentido estrito, [...] a ciência do significado dos textos; e em sentido mais amplo, [...] a pesquisa científica do desenvolvimento e das características de um povo ou de uma cultura com base em sua língua ou em sua literatura (BASSETTO, 2001, p.37).

Assim, as palavras e seus étimos seriam buscados com a perspectiva da sua “idéia primeira”, demonstrando essa identidade coesiva de uma cultura, como bem atenta Austin (1961):

[...] uma palavra nunca – bem, quase nunca – desvincula-se de sua etimologia e sua formação. Apesar de todas as alterações tanto nas extensões quanto nas adições de seus significados, e, de fato, permeando e presidindo estes, persistirá aí a velha idéia. [...] Recuando a história de uma palavra, muito frequentemente ao Latim, deparamo-nos comumente com quadros ou modelos de como as coisas ocorrem ou são feitas (AUSTIN, 1961, p.149-150).

Os recuos, no entanto, podem ser ainda mais específicos, a fim de desvelar um elo identitário mais estreito. Nesse sentido, se é bem verdade que a língua portuguesa seja herdeira da antepassada língua latina – entre outras matrizes linguístico-culturais –, é igualmente verdade que seja também herdeira de sua pioneira versão, no bojo da sua afirmação política e distinção do diassistema galego-português. E uma região que aponta vínculos estreitíssimos com esse português primordial é a do hodierno Nordeste do Brasil, que neste estudo se restringe tematicamente ao Cariri cearense, deflagrados por meio de seu léxico.

Portanto, este estudo tem como objetivo, por meio de uma análise crítico-etimológica de palavras consideradas arcaicas ou regionais, atestar a ancestralidade sócio-histórica do léxico do *terminus a quo* (doravante *taquo.*), o português arcaico, notadamente apresentado nas obras do *Cancioneiro da Ajuda* e do *Cancioneiro da Vaticana*, no léxico do *terminus ad quem* (doravante *taquem.*), o português moderno popular no Cariri cearense, notadamente apresentado pela literatura de Patativa do Assaré.

Aspectos sócio-históricos da formação do Reino de Portugal

Ao longo da história da península ibérica, diversos povos se sobrepujaram. Não obstante, quem garantiu uma hegemonia linguística e cultural foram os romanos, a partir do século II a.C. Destes, os seus sucessores, os visigodos, que chegaram à península no século V, aderiram ao modo de viver dos romanos, incluindo o uso da língua latina, adequando-a e fusionando-a a elementos de sua língua gótica.

A partir do século VIII, os povos do norte africano, chamados *mouros*, impulsionados pelo levante expansionista do islã, migraram para a península ibérica, instaurando-se hegemonicamente como Califado de Córdoba, com capital nesta cidade. Esse movimento migratório provocou, igualmente, a migração dos visigodos, soberanos

precedentes na região, para o noroeste da península, notadamente a região de Astúrias e Galícia. Desta região, partiu, nos séculos subsequentes, o movimento de Reconquista, que só findou no ano de 1492, com a queda do Emirado de Granada, ao sul do Reino da Espanha.

No século XI, o rei Afonso VI de Castela e Leão concedeu sua filha, D. Teresa, para casamento com D. Henrique de Borgonha, a quem cedeu igualmente o Condado Portucalense. O filho de D. Henrique, Afonso Henriques, reivindicou, em 1128, a autonomia do Condado, o que lhe foi confirmado em 1179, com o reconhecimento da independência do Reino de Portugal pelo Papa Alexandre III. Estabelecidas as fronteiras ao norte e ao leste pelos reinos adjacentes, o território de Portugal se estabilizou em 1249, com a conquista de Faro.

Em 1290, D. Dinis transferiu a capital do Reino, originalmente em Coimbra, para Lisboa e sancionou a língua portuguesa como a língua vernácula. A partir de então, as variantes de prestígio para constituição da língua portuguesa como tal passaram a ser os dialetos presentes no centro-sul. Obviamente, esse processo não foi imediatamente consecutivo às determinações régias. Muitos membros da própria corte de D. Dinis e demais nobres eram advindos das regiões de dialetos setentrionais e galegos, conservando ainda muitos traços fonéticos e lexicais da língua irmã ao norte do Reino.

Nos séculos subsequentes, a língua portuguesa passou por um período de significativas mudanças, que acompanham as transformações sócio-históricas ocorridas no Reino de Portugal. Cardeira (2006) comenta sobre esse período da língua, chamando-o de “português médio”, e ressalta que em Portugal:

Desde finais do século XIV e ao longo dos séculos XV e XVI, a sociedade sofre, pois, profundas alterações. Inicia-se uma nova dinastia, que chama a si a cultura e mudam as classes que detêm o poder; a corte, até então itinerante, fixa-se na área centro-medirional, terra reconquistada e repovoada, lugar de encontro de gentes e dialectos; o país consolida-se dentro e fora da Península; a imprensa permite uma maior difusão do pensamento e a produção literária em Português aumenta e torna-se mais acessível; surgem as primeiras gramáticas, inaugurando a reflexão linguística e abrindo caminho à normalização e ao ensino da língua. A evolução da língua não poderia deixar de acompanhar toda esta dinâmica: concretizam-se mudanças linguísticas iniciadas nos séculos anteriores, extinguem-se características do Português Antigo, a língua sofre um processo de elaboração e começa a fixar-se uma norma (CARDEIRA, 2006, p.49).

Entretanto, a fixação da norma, transpassada pelo ensino da língua e pelas gramáticas, não teria efeito imediato nas camadas mais baixas da população lusitana, notadamente analfabetas, o que refreou um pouco a difusão dessa normativa nova. Faça-se o adendo de que, até o fim do século XIX, três quartos da população portuguesa eram analfabetos (GRÁCIO, 1971, p. 51).

Aspectos sócio-históricos da colonização do Nordeste do Brasil e do Cariri cearense

Quando iniciada a empresa colonial do então Império Português, inclusive na América, a partir do século XVI, ainda resistiam muitos arcaísmos na língua portuguesa, advindos das áreas setentrionais e galegas. Muitos membros da colonização provinham dessas regiões, inclusive alguns expoentes históricos, como Pero Vaz de Caminha, nascido na cidade de Porto. Sobre essas figuras, Amaral (2020, p.44) comenta que ainda conservavam traços arcaizantes perante a própria língua portuguesa de sua época:

Na carta de Pero Vaz Caminha abundam formas vocabulares e modismos envelhecidos na língua, mas ainda bem vivos no falar caipira: *inorância*, *parecer* (por *aparecer*), *mêa* (adj. *meia*), *u-a*, *trosquia*, *imos* (vamos), *despois*, *reinar* (brincar), *prepósito*, *vasios* (região da ilhargá), *luitar*, *desposto*, *alevantar*, “volvemo nos lá *bemnoute*”, “veemo nos *nas naus*”, “lançou-o *napraya*” (AMARAL, 2020, P. 44) (grifo do autor).

Airton de Farias relata em *História do Ceará* (2012) que o território cearense foi, tradicionalmente, de difícil acesso tanto por suas condições geomorfológicas quanto pela resistência dos povos nativos. Somados esses fatores à falta de atrativos econômicos na região para a empresa colonial portuguesa, como minérios, bens de produção, frutos ou especiarias, os primeiros colonos não se estabeleceram em larga escala nas terras do Ceará. O primeiro donatário da Capitania do Ceará, por sinal, sequer chegou a conhecer o seu lote.

As regiões que mais tiveram investimento da coroa portuguesa, então, foram as da Zona da Mata, notadamente nas capitanias de Pernambuco e Bahia. Como o plantio de cana-de-açúcar fosse muito mais expressivo nessa região, os centros de migração portuguesa se organizaram visando às capitais dessas duas províncias, respectivamente: Recife e Salvador. Com a União Ibérica (1580-1640), o império luso-espanhol foi atingido por uma crise político-econômica, o

que provocou a migração massiva de diversos portugueses para o Brasil, especialmente para os territórios supracitados. Como não houvesse terras suficientes para acolher, na condição de investimento colonial, todos os imigrantes lusitanos nas costas dessas capitanias, os novos colonos passaram a buscar oportunidades no interior nordestino.

Partindo das costas dessas duas províncias, trasladaram rumo ao interior nordestino por duas rotas: “Sertão de Fora”, originada na costa pernambucana, passava pelo litoral da Paraíba, depois do Rio Grande do Norte, interiorizando, por fim, no Ceará; e “Sertão de Dentro”, originada na costa baiana, seguia o curso do rio São Francisco, cruzando rumo à bacia da Parnaíba, no sul dos atuais estados do Maranhão e do Piauí, e chegando, por fim, ao Ceará. Em ambos os casos, essas ondas migratórias convergiram, especialmente, na formação da região do Cariri cearense.

Ressalte-se que boa parte da população que chegou buscando essas novas oportunidades no território brasileiro não tinha acesso à educação formal, o que só se agravou com os processos migratórios citados na interiorização. Como estivessem isolados nesse interior, de difícil acesso, os modelos morais e educacionais, incluindo linguísticos, que se estabilizaram na região, portanto, foram aqueles que trouxeram consigo desde a partida de Portugal e, depois, da costa nordestina. Dessarte, o sertanejo “[...] vive hoje como vivia há duzentos anos, com os mesmos hábitos, os mesmos costumes, o mesmo fundo de ideias. Daí conservar teimosamente tantos arcaísmos” (AMARAL, 2020, p. 53).

Se por um lado essa tendência conservatória orienta os aspectos gerais da língua portuguesa no interior nordestino, por outro lado, as inovações na língua prosseguiram nos anos e séculos seguintes, transmitidos desde a sede imperial portuguesa europeia até o território colonial brasileiro. E um dos grandes levantes de mudança do português foi o renascimento português, que visou reaproximar a língua dos lusitanos à sua progenitora “primeira”, o latim.

O renascimento português e o processo de (re)latinização da língua portuguesa

O movimento renascentista, como um todo, foi um levante poli-antropológico de revisão das epistemes que vigoraram no medievo, advindas, sobretudo, do Cristianismo. Uma vez que precisassem contrapor esse sistema ideológico, era necessário recorrer a bases outras

que não os fundamentos da filosofia cristã. Dessa forma, os modelos filosóficos da Grécia e da Roma antigas foram escolhidos como novo paradigma. E, uma vez que esses tivessem sido desprestigiados durante a Era Cristã, aquele seria o momento propício para “renascê-las” e tomá-las sob novas óticas.

Em Portugal, especificamente, esse levante ideológico se deu também com seu léxico: repleto de étimos germânicos, árabes e galegos – e alguns outros desconhecidos pelos intelectuais lusitanos –, seria, então, parte da empresa renascentista portuguesa a reformulação de seu léxico para reaproximá-lo do latim. Teyssier (2014) ressalta que:

formas eruditas e semi-eruditas, calcadas no latim, penetraram na língua desde as suas origens. Este processo de enriquecimento do vocabulário jamais cessou. Tornou-se, porém, particularmente intenso no século XV, com a prosa didática e histórica, e no século XVI, em consequência das tendências gerais do Renascimento humanista (TEYSSIER, 2014, p.57).

Este processo de relexicalização latina ficará bastante manifesto nas obras de autores como D. Pedro (autor de *Virtuosa Benfeitoria*), Gil Vicente (autor de *Auto da Barca do Inferno*), Luís de Camões (sobretudo em *Os Lusíadas*), também em gramáticos como André de Resende, Duarte Nunes de Leão, Fernão de Oliveira e João de Barros, e demais autores da época.

Por ser um movimento que parte da aristocracia portuguesa, e não propriamente do povo em geral – isto é, uma mudança na história interna da língua –, há de se considerar que, paulatinamente, coexistam (pelo menos) duas variantes diastráticas principais de uso do português à época: a primeira, cujos falantes têm acesso à educação formal e em que vigoram as formas latinas reintroduzidas pelo renascimento português; a segunda, cujos falantes não têm acesso à educação formal e que nesta tenderá a manter o léxico já previamente consolidado no uso cotidiano dos lusitanos. Não obstante a primeira variante fosse a de prestígio na lusofonia, as palavras reintroduzidas do latim gradativamente culminaram por suplantar muitas outras do uso popular, hegemônicas no português antigo e advindas de matrizes não latinas, como árabes, germânicas ou galegas.

Desse modo, as oscilações normativas da língua, vivenciadas desde o período do português médio, coadunam com essa diversificação linguística. E porque fosse um processo em expansão, sobretudo, nos meados do século XVI em diante, o português que aportou as margens

do território brasileiro nos primeiros instantes da colonização ainda era de caráter conservador, setentrional e galeguista, vinculado a essa segunda variante popular.

Heranças lexicais e aspectos conservadores do português no Cariri

O português quando chega efetivamente ao Brasil, já havia passado por algumas mudanças, especialmente fonéticas. Nesse sentido, Teyssier (2014) aponta que:

O português instalou-se no Brasil em meados do século XVI, ou seja, numa data em que as primeiras evoluções [...] já se haviam realizado. [...] o português do Brasil não mais seguiu, ou seguiu apenas parcialmente, as inovações européias. Parecerá, assim, *conservador*. Mas, ao mesmo tempo, irá realizar transformações fonéticas desconhecidas do português europeu, e nisso será inovador. (TEYSSIER, 2014, p. XX) (grifo do autor).

Contudo, o Cariri cearense – como várias zonas interioranas no Brasil – é uma região em que se nota uma manutenção histórica daqueles falares mais arcaicos, as variantes populares resistentes desde o período do português pré-renascentista. Nesse sentido, a fim de compreender melhor a conservação linguística dessa região, elencaram-se três teses da Neolinguística de Bartoli (*apud* VIDOS, 2001, p.81):

1. “Quando, de duas fases cronológicas de uma palavra, uma se encontra numa área isolada ou distante das correntes de tráfico e de difícil acesso, esta costuma ser a mais antiga”.
2. “Se de duas fases cronológicas, uma aparece (ou apareceu) em áreas laterais e a outra na área central, a primeira costuma representar a fase mais antiga e a segunda a mais recente”.
3. “De duas fases, a desaparecida ou menos vital costuma ser a mais antiga”.

Nesse sentido, Amaral (2020, p.44) confirma que “o fundo do dialeto representa um estado atrasado do português, e que sobre esse fundo se vieram sucessivamente entretecendo os produtos de uma evolução divergente” (aqui, entenda-se “dialeto” como o português popular do Cariri cearense em questão). É da variante relatinizada, de prestígio, que se atualizará a língua portuguesa ao longo do tempo, inclusive sua variante geográfica no Brasil, muito embora esta ainda apresente seu desenvolvimento particular; mas a variante regional do

Cariri ainda mantém seus vínculos com a variante popular, setentrional e galeguista, que se transpassa no seu léxico, e pode ser observado com o apoio da investigação etimológica.

Conceitos fundamentais da pesquisa etimológica

Quando se investiga etimologicamente o léxico de uma dada língua, o que na verdade se observa são os elos sócio-históricos de uma cosmovisão compartilhada diacronicamente entre duas ou mais comunidades linguísticas. Nisso, é salutar a concepção de léxico apresentada por Vilela, para quem:

O léxico é, numa perspectiva cognitivo-representativa, a codificação da realidade extralinguística interiorizada no saber de uma comunidade linguística. Ou numa perspectiva comunicativa é o conjunto de palavras por meio das quais os membros de uma comunidade linguística comunicam entre si (VILELA, 1997, p. 31).

A palavra, entendida aqui “como a unidade básica do léxico de uma língua, de maneira mais clássica como unidade lexical” (ISQUERDO & ALVES, 2007, *apud* MATTOS E SILVA, 2009, p.12), é também a unidade básica que demonstra esses elos sócio-históricos, sobretudo quando observada desde seu étimo. Aqui, entenda-se que “o étimo de uma palavra investigada é a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (VIARO, 2014, p. 99).

Mattos e Silva (2009, p.19) afirma que “[...]os arcaísmos [...], ao parecerem extintos, reaparecem pelo menos em variedades rurais brasileiras.” Logo, o português popular em uso na região do Cariri cearense persiste com diversos traços de arcaísmo. Por arcaísmo, entende-se primeiramente a noção de *dições velhas*, descrita por Fernão de Oliveira:

são as que já foram usadas, mas agora são esquecidas, como Egas, Sancho, Dinis, nomes próprios e *ruão*, que quis dizer *cidadão* [...]. Pois em tempo del-rei dom Afonso Henriques *capa pelle* era o nome de uma certa vestidura [...]; nossos pais tinham algumas palavras que já não são agora ouvidas, como *compengar* que quer dizer comer o pão com a outra vianda, e *nemigalha*, segundo se declarou poucos dias hũa velha a este tempo quando isto disse, de cento e dezasseisanos de sua idade (FERNÃO DE OLIVEIRA, 1536[2000], p.49 *apud* MATTOS E SILVA, 2009, p.11).

Vilela (1997) propõe ainda que esses arcaísmos se distingam nos diversos níveis da linguagem:

arcaísmos gráficos (Queiroz, Villela), fonéticos (oiro, toiro) [...], morfológicos (soides, estaídes, estejaides), sintáticos (isto é um ver se te avias, isto é a fim do mundo), lexicais (escaleira, ceia, parlatório e parlamento), etc. (VILELA, 1997, p.34)

Por fim, Amaral (2020, p.44) especifica três principais tipos de arcaísmo: “os elementos arcaicos da língua, conservados no vocabulário dialetal dividem-se, naturalmente, em arcaísmos de forma, de significação, e de forma e significação”.

Os arcaísmos de forma são aqueles que se distinguem na fonética e, quando escritos, na grafia, perante o léxico normatizado da língua, porém o sentido se mantém o mesmo entre o *taquo.* e o *taquem.*, e até com o português padrão. São exemplos: *alumiar*, *dereito*, *dixe*, *escuitar*, *fruta*, *malino*, *premêro*, *quige*, *trouxe* etc.

Os arcaísmos de sentido são aqueles que preservam o sentido do *taquo.*, e, quando havendo uma forma no português padrão, o uso dessa unidade lexical é divergente. São exemplos: *aério* (“perplexo”), *desonerar* (“estragar”), *dona* (“senhora”), *intimar* (“insultar”), *pisa* (“surra”), *reinar* (“agarrar”), etc.

Os arcaísmos de forma e sentido caracterizam-se pela manutenção tanto na forma quanto no sentido entre sua fase no *taquo.* e no *taquem.*, podendo existir ou não uma unidade lexical equivalente na norma padrão da língua e, em caso afirmativo, tanto a forma quanto o sentido são divergentes perante a unidade em questão tida como arcaísmo. São exemplos: *aperrear* (“irritar”), *ariado* (“perdido”), *avexar* (“apressar”), *avia* (“apressa”), *de primeiro* (“outrora”), *em riba* (“em cima”) etc.

O continuum da etimologia criativa

É sabido que o processo de pesquisa etimológica não possui uma unidade teórica consensual entre os diversos etimólogos, cada qual a seguir uma tese compatível com seus propósitos de observações científicas e filológicas. Viaro (2014) aponta que a pesquisa etimológica está, necessariamente, em constante revisão, pois as soluções podem ser múltiplas para um mesmo étimo, mesmo que haja critérios rigorosamente estabelecidos. Por isso, a solução nunca é definitiva, senão propositiva, sempre cabendo à comunidade científica avaliar e

ponderar cautelosamente os dados e argumentos apresentados por um pesquisador que vincule certas palavras a certos étimos.

Compactua com os objetivos desta pesquisa, o modelo de investigação etimológica proposto por Alinei (1995, pp. 21-23):

é “um procedimento de descoberta passo a passo”, o qual, no contexto da continuidade geral do léxico e com base nas limitações metodológicas rigorosas, tem por objetivo traçar qualquer tipo de descontinuidade (no som, no significado, no espaço, na sociedade, na linguagem) na história das palavras opacas, com o fim último de torná-las transparentes. Esse objetivo deve ser visto como uma tentativa de reconstruir o contexto cultural específico no qual palavras motivadas passaram a existir [...]. A etimologia com um caráter especulativo, a qual lida com a opacidade formal-motivacional e a qual se mantém no âmbito dessa opacidade, deveria ser distinguida da etimologia a qual tem um caráter mais descritivo, historicamente orientado, e a qual lida com palavras motivadamente transparentes, com a opacidade do que é meramente cultural. A etimologia não visa, de forma sistemática, alcançar a “origem” das palavras em sentido estrito, i. e., relacionada com o problema da glotogonia, mas é considerada atingida onde quer que seja alcançado o último nível possível de descontinuidade. Com a exceção das alterações semânticas triviais, cada forma de descontinuidade, que representa um passo no processo de descoberta, tende a formar uma única etimologia (ALINEI, 1995, p. 21-23).

Não menos difícil é operar com um exame crítico e etimológico do léxico de uma língua (ou variante) que é majoritariamente oral, carecendo de documentação escrita para muitas palavras. Embora haja escrituras populares da região do Cariri – como o caso dos cordéis e outros meios de divulgação –, nem sempre é possível encontrar nesses escritos determinadas palavras notadamente de teor arcaico ou regional. Por vezes, na tentativa de se mostrar digno de pertencer ao “cânone literário”, o escritor popular opta por dispensar certas palavras ditas “erradas” ou “vulgares”, favorecendo formas ditas “corretas”.

Como proposta para se superar esse impasse de descontinuidades múltiplas nos *corpora* selecionados, adota-se aqui o modelo da etimologia criativa de Malkiel, trazido por Amsler (1989):

Mais do que destacar a dicotomia ciência/não ciência, Malkiel substitui um *continuum* de probabilidades a partir do “óbvio” para o “conjectural”, dependendo, em parte, se se tem maior ou menor ajuntamento de evidências. Malkiel não defende a posição de que uma hipótese é tão boa quanto uma outra, mas reconhece que os verdadeiros desafios etimológicos são aqueles perseguidos na etimologia criativa (AMSLER, 1989, p.9).

Assim sendo, as propostas etimológicas se consolidam, se desconfirmam ou se atualizam à medida que novas evidências são apresentadas. Duas ou mais propostas podem coabitar o *continuum*, podendo, inclusive, ser sintetizadas posteriormente como uma só proposta; esta síntese sendo resolutiva ou não.

Metodologia

É razoável que, para a compreensão histórica de uma língua, se tracem pelo menos três percursos teóricos que embasem tal empreitada: as informações sociais e históricas de tal língua, ou sua história externa; os conceitos fundamentais de linguística e filologia que versem sobre a história da língua, ou sua história interna; e o rastreio etimológico apresentado por dicionários e manuais etimológicos, em paralelo com dicionários modernos de uso comum, que indicam percursos já traçados por outros autores, a serem utilizados ou renovados por tal nova pesquisa.

Por isso, no tocante às informações sociais e históricas – a dita história externa –, é preciso explorar os principais eventos históricos que influenciaram a constituição da língua portuguesa, desde seus primórdios, a saber: a variante que se formava desde os tempos da Lusitânia Romana. Como neste estudo o recorte temporal se vinculasse mais aos tempos do medievo ibérico, assim a esteira temporal compreendida aqui é a seguinte: a independência de Portugal das coroas de Galícia, Leão e Castilha; a assunção do português como idioma oficial do Reino de Portugal; a reconfiguração da língua portuguesa com o Renascimento; os movimentos de colonização do Brasil e o povoamento da região do Cariri; o isolamento do Cariri e a preservação de traços do português antigo nessa região, em paralelo com as inovações linguísticas trazidas desde Portugal ao Brasil.

Quando se observam esses movimentos sócio-históricos em paralelo aos movimentos linguísticos da língua portuguesa, é notável que muitos sejam fatores decisivos à constituição ou à mudança da forma como esse idioma se institui. Igualmente, é possível compreender a história de algumas variantes dessa língua, que neste estudo, se foca no português do Cariri cearense, uma vez que dê margem à compreensão das possíveis razões para o português popular da região do Cariri ter preservado elementos linguísticos do português antigo.

No tocante às noções linguísticas e filológicas – a dita história interna –, fez-se mister compreender as distinções entre léxico, palavra, étimo e arcaísmo, a fim de se descrever com maior precisão como se poderia considerar uma unidade lexical como “arcaica” ou não. Considerando que o léxico de uma língua seja todo o arcabouço de palavras que se possam considerar integrantes dela, buscou-se, nessa seara, identificar quais os fatores ou parâmetros razoáveis a fim de se descrever uma palavra como “pertencente” ou não, e em que medida um (não) pertencimento poderia sugerir a descrição de uma unidade lexical como “arcaísmo”. Além disso, muito se considera que os arcaísmos estejam presentes mais em variantes regionais, sobretudo das comunidades que são de difícil acesso e/ou que não tiveram muito contato com a educação formal e as últimas inovações da língua. Assim, tenderiam a conservar formas ditas mais antigas da língua.

No tocante ao rastreio etimológico, buscou-se compreender, a partir de dicionaristas, quais seriam os étimos de possíveis termos arcaicos da língua portuguesa do Cariri cearense. Para tanto, cotejou-se as unidades lexicais encontradas nos dicionários hodiernos de língua portuguesa, digitais, a saber, Aulete (s.d.) e Houaiss (2009), com aquelas encontradas nos glossários de Cunha (2014) e Ferreira (2014). Assim, pode-se verificar que tipo de arcaísmo (*forma*, *sentido* ou *forma e sentido*) as unidades lexicais tratadas poderiam ser enquadradas, a partir das teses linguísticas previamente apresentadas.

No tocante ao tratamento etimológico, não obstante, utilizou-se da proposta da *etimologia criativa* de Yakov Malkiel, em que se coadunam diversos elementos – da história interna e da história externa de uma língua – a fim de se aprimorar o tratamento de um étimo. Por isso, este estudo considerou, inicialmente, o percurso apontado pelos etimólogos e dicionaristas acima, mas não os tomou como definitivos: se ponderou aqueles que seriam razoáveis e se propôs outros modelos quando uma solução mais plausível se apresentasse.

Como *corpus*, foram adotadas as seguintes obras: no *taquo.*, o *Cancioneiro da Ajuda* e o *Cancioneiro da Vaticana*; no *taquem.*, as obras produzidas por Patativa do Assaré –a saber, *Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino* e *Cordéis e outros poemas*.

Associando as teorias embasadoras com o *corpus*, foi realizado um levantamento lexical de possíveis palavras que deflagrassem um elo sócio-histórico e linguístico entre o *taquo.* e o *taquem.* A partir do levantamento dessas palavras, foi criado um crivo, sustentado

nas definições de alguns teóricos sobre arcaísmos (AMARAL, 2020; MATTOS E SILVA, 2009; VILELA, 1997), a fim de selecionar aquelas que corroborassem com o objetivo deste estudo. Os critérios de inclusão das palavras foram os seguintes:

1. Estarem documentadas nas literaturas tanto do *taquo.* quanto do *taquem.*;
2. Serem divergentes na sua forma e/ou no seu conteúdo com o português padrão nos seguintes casos:
 1. No primeiro caso, *arcaísmos de forma*, o sentido das unidades lexicais analisadas deveria ser o mesmo no *taquo.*, no *taquem.* e no português padrão. Contudo, a forma só poderia ser idêntica entre o *taquo.* e o *taquem.*, sendo, portanto, divergente da dicionarizada no português padrão;
 2. No segundo caso, *arcaísmos de sentido*, o sentido das unidades lexicais analisadas deveria ser o mesmo somente entre o *taquo.* e o *taquem.*, e sendo, pois, divergente no português padrão. A forma, contudo, poderia receber oscilações metaplasáticas desde o *taquo.* até o *taquem.* e o português padrão;
 3. No terceiro caso, *arcaísmo de forma e sentido* são aqueles obedecem simultaneamente os critérios de *arcaísmo de forma* (a) e *arcaísmo de sentido* (b). Portanto, não poderiam receber alteração desde o *taquo.* nem na forma nem no sentido, e ambos deveriam ser divergentes do português padrão.

Assim, uma vez observado um elo mais estreito, entre o léxico do *taquo.* e do *taquem.* propostos, a partir das teorias subjacentes a este estudo, pôde-se alcançar os seus objetivos supracitados.

Análise crítica-etimológica do léxico coletado

Dessa forma, as palavras que serão apresentadas não constituem, de todo, uma proposta única e última da sua etimologia, mas uma soma entre as possíveis investigações etimológicas outras que se possam aliar a estas. Seguindo a divisão adotada desde o início deste estudo, os tipos de arcaísmo foram compreendidos em três modelos: 1) forma (verbetes 1 a 4); 2) sentido (verbeta 5); e 3) forma e sentido (verbeta 6). As palavras em análise foram destacadas nos quadros com negrito, e as referências de cada citação está na terceira linha.

Arcaísmos de forma

Como já definido, os *arcaísmos de forma* são aqueles que se distinguem na fonética e, quando escritos, na grafia, perante o léxico normatizado da língua, porém o sentido se mantém o mesmo entre o *taquo.* e o *taquem.*, e até com o português padrão. Assim, nos quadros 1, 2, 3 e 4, apresentam-se arcaísmos de forma.

Quadro 1 – Verbete “afrição”

Corpus taquo.	Dicionários taquo.	Corpus taquem.	Dicionários taquem.
“Desejoso mui sobejo, e nom deixo de cuidar, desejando eu não vejo quem me faz aprisoar; em as penas suportar, nom me esquece a razão donde houve afrição: [e]sta morte sofrerei.”	afryçom Moderno: aflição Substantivo Séc. XV, INFA, 73.8 E porque ao afritionom era de emader mais afryçom ,responderomlhe [...].	“Na sua pequena boca Eu vi os laibo tremendo E, naquela afrição lôca, Ela também conhecendo Que a vida tava no fim, Foi regalando pra mim Os tristes oinho seu, Fez um esforço ai, ai, ai, E disse: “abença papai!” Fechô os óio e morreu.”	aflição substantivo feminino 1 estado daquele que está aflito 2 ânsia, agonia, angústia f.hist. sXIVaffliçom, sXIVaflicçom, sXVaffricones, sXVafryçom
LOPES; FERREIRO, 2011	CUNHA, 2014, s.v.	ASSARÉ, 1989, p.42	HOUAISS, 2009, s.v.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Quadro 2 – Verbetes “despois”

Corpus <i>taquo.</i>	Dicionários <i>taquo.</i>	Corpus <i>taquem.</i>	Dicionários <i>taquem.</i>
“Ca muit’i há que vivi a pavor de perder o sem, com mui gram pesar que vi despois; e por engram sabor hei de mia morte, se mi a quizer dar Amor, e Deus, que me fez gram pesar veer daquela rem que mais amei.”	depois ~ despois ~ depos adv. temp. ‘despois’	“A cinza santa e sagrada De sua foguêra amada, Com fé no peito guardada Quem tira um pôquinho dela Despois que se apaga a brasa E bota em roda da casa, Na vida nunca se atrasa, Se defende das mazela.”	despois (sXIII cf. IVPM) princ.etim. advérbio ant. e infm. m.q. despois
LOPES; FERREIRO, 2011	FERREIRO, 2014	ASSARÉ, 1989, p.203	HOUAISS, 2009, s.v.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

73

Quadro 3 – Verbetes “entonce”

Corpus <i>taquo.</i>	Dicionários <i>taquo.</i>	Corpus <i>taquem.</i>	Dicionários <i>taquem.</i>
“Pero d’Ambroa prometeu, de pram, que fosse romeu de Santa Maria, e acabou assi sa romaria com’acabou a do frume Jordam: ca entonce até Mompilier chegou, e ora per Roçavales passou e tornou-se do poio de Roldam.”	enton ~ entonce adv. temp. ‘entón, naquele tempo, nese momento’	“Sem chuva na terra descamba janêro, Depois, feverêro, E o mêmro verão Entonce o rocêro, pensando consigo, Diz: isso é castigo! Não chove mais não!”	entonce adv. (Bras., pop. e ant.) o mesmo que entonce, então. Cf. Crôn. dos Frades Menores, I, p. 14, e <i>passim</i>. AULETE, s.v. entonce (sXV cf. FMen) advérbio ant. e infm. então
LOPES; FERREIRO, 2011	FERREIRO, 2014	ASSARÉ, 1989, p. 90	HOUAISS, 2009, s.v

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Quadro 4: Verbete “preguntar”

Corpus <i>taquo.</i>	Dicionários <i>taquo.</i>	Corpus <i>taquem.</i>	Dicionários <i>taquem.</i>
“Muitos me vêm preguntar , mia senhor, a quem quero bem; e nom lhes quer’end’eu falar, com medo de vos pesar en, nem quer’a verdade dizer, mais jur’e faço- lhes creer mentira, por vo- lhes negar.”	preguntar v. tr. ‘preguntar’	“Se quésabê se é ou não, Vá preguntá na cidade. Lá, eu tenho relação Com todas oturidade. E é por isso que hoje venho Aqui, com bastante impenho, Falá com seu Malaquia, Pra me imprestá um dinhêro, Quatrocento mil cruzêro, A juro, por quinze dia.”	preguntar v. tr. e intr. (Port.) perguntar. AULETÊ, s.v.
			preguntar (1188- 1230 cf. JM3) verbo ant. e infirm. (prep.: a, por, sobre) m.q. perguntar
LOPES; FERREIRO, 2011	FERREIRO, 2014	PORTELLA, 2012, p.29	HOUAISS, 2009, s.v.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Em todos os termos apresentados – “afrição”, “despois”, “entonce” e “preguntar” –, as formas entre o *taquo.* e o *taquem.* são idênticas, mas são divergentes do português padrão – a saber, “aflição”, “depois”, “então” e “perguntar”. Não obstante, o sentido entre o *taquo.*, o *taquem.* e o português padrão é o mesmo. Assim, propõem-se essas unidades lexicais como *arcaísmos de forma*.

Arcaísmos de sentido

Como já definido, os *arcaísmos de sentido* são aqueles que preservam o sentido do *taquo.*, e, quando havendo uma forma no português padrão, o uso desta unidade lexical é divergente daquelas do *taquo.* e do *taquem.*

No quadro 5, apresenta-se um arcaísmo de sentido encontrado no *corpus*.

Quadro 5 – Verbetes “morrinha”

Corpus taquo.	Dicionários taquo.	Corpus taquem.	Dicionários taquem.
“Ora nom sei no mundo que fazer, nem hei conselho, nem mi o quis Deus dar, canom quis El, u me nom quis guardar, e nomhouv’eu, de me guardar, poder. Ca díx>eucamorria por alguém, e dereit’hei de lazerar por en.”	morrer v. intr. 2. ‘esmorecer, perder a rixidez (referido ao órgão sexual masculino)’	“Tome uma tigela de manhã bem cedo e não tenha medo que não tem cautela no começo dela terá por sinal um suor geral com grande morrinha, mas é a meizinha bulindo com o mal.”	morrinha sf. 5. Falta de disposição, de vontade para fazer alguma coisa; PREGUIÇA AULETE, s.v. morrinha (1647 BPTes1) 7 B; infirm. Sentimento melancólico; tristeza, soturnidade 8 B; infirm. indisposição para agir; preguiça, prostração. Etimologia: orig. contrv.; ger. relacionado a morrer;
LOPES; FERREIRO, 2011	FERREIRO, 2014	ASSARÉ, 2006, pp. 82-83	HOUAISS, 2009, s.v.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Análise etimológica:

No que concerne aos metaplasmos, sabe-se que, na passagem do português antigo para o português moderno, algumas unidades lexicais com yode nasal /j/ compondo um ditongo crescente passaram a vogal nasalizada “i” /ĩ/ seguido de um palatal /ɲ/, e.g. “vão” [ˈvju] > [ˈvĩɲɔ]. Da mesma forma, sugere-se que [moˈrja] tenha se convertido em [moˈrĩɲɐ] por meio desse processo.

No português antigo, “morria” abarcava o sentido de “esmorecer” e “perder a rigidez” (este, entendido como “perder a força”). Estes são significados congruentes com o expresso pelo termo “morrinha” no *taquem.*, que quer dizer “fraqueza”, “esmorecimento”. Isso fica mais claro no trecho do poema de Patativa do Assaré, quando uma personagem sugere ao seu interlocutor que faça uso de determinado medicamento, e alerta que haverá sintomas como “suor geral” e “grande morrinha”, este que pode ser entendido como “grande esmorecimento” ou “grande perda de força”.

Em outras palavras, há um elo semântico entre o *taquo.* e o *taquem.* Para este exemplo, não há, de fato, uma unidade equivalente no português padrão que se pareie à “morrinha”. Assim, propõe-se “morrinha” como um *arcaísmo de sentido*.

Arcaísmos de forma e sentido

Como já definido, os *arcaísmos de forma e sentido* caracterizam-se pela manutenção tanto na forma quanto no sentido entre sua fase no *taquo.* e no *taquem.*, podendo existir ou não uma unidade lexical equivalente na norma padrão da língua e, em caso afirmativo, tanto a forma quanto o sentido são divergentes perante a unidade em questão tida como arcaísmo. O quadro 6 apresenta um arcaísmo de forma e de sentido.

Quadro 6 – Verbetes “peia”

Corpustaquo.	Dicionários <i>taquo.</i>	Corpus <i>taquem.</i>	Dicionários <i>taquem.</i>
“Quand’el-rei sal de Todela, estrêa ele sahost’etod’o seu poder; bem sofrem i de trabalh’e de pêa, cavam a furt’etornam-s’em correr; guarda-s’el-rei, com’ê de bom saber, que o nom filhe luz em terra alhêa, e onde sal, i s’artorn’a jazer ao jantar ou se nom aa cêa.” LOPES; FERREIRO, 2011	Dicionários <i>taquo.</i> [pena] 2 ~ pêa ~ pea s. f. ‘pena, castigo; dor, mágoa’ FERREIRO, 2014	“A velha havia saídofazia mais de hora e meia, andava na vizinhançafalando da vida alheianão sabia se a Zizi estava berrando na peia.” ASSARÉ, 2006, p. 45	peia s. Meter a peia (em) 1 Bras. Pop. Criticar, difamar (algo ou alguém). Ser peia 1 PE AL Pop. Ser difícil, penoso, trabalhoso. AULETE, s.v. peia (1111 cf. JM3) ortoépia: ê 4 instrumento de açoite; chicote meter a peia B; infrm. (1937) fig. falar mal; difamar, maldizer ser peia PE, AL; infrm. ser algo muito difícil, trabalhoso, complicado HOUAISS, 2009, s.v.

Fonte: dados da pesquisa (2022).

Análise etimológica:

A unidade lexical “peia” merece uma explanação mais detalhada para apresentá-la como arcaísmo.

No âmbito fonético, é sabido que o grau de nasalização era um fenômeno oscilante no português antigo. Assim, no *corpus* usado, unidades lexicais como “alhêa” e “cêa”, presentes na trova supra, também se apresentam na forma “alhea” e “cea”. Da mesma forma, “pêa” também se apresenta na forma “pea”. No *taquem.*, dois fenômenos fonológicos são destacáveis: “a pré-nasalização de vogais antes de -m ou -n: -jãnêiro (jâneiro); a perda do -i no ditongo -ei: -jãnêro (janeiro), -aldêa (aldeia)” (RAMALHO, 1998, p. 32). Assim, “peia” pode se apresentar tal como “pea” [ˈpeə]. Portanto, a forma entre o *taquo.* e o *taquem* seriam idênticas.

No âmbito semântico, “peia” é associado a “pena” – derivando etimologicamente desta palavra. Tanto no *taquo.* quanto no *taquem.* abarcam o sentido “castigo”, “dor”, “tormento”, “penalidade”, o que evidencia a conservação no sentido.

Assim, uma vez conservando tanto forma quanto sentido, propõe-se “peia” como *arcaísmo de forma e de sentido*.

Considerações finais

No cotejo das palavras do português antigo, presentes no *Cancioneiro da Ajuda* e no *Cancioneiro da Vaticana*, com as do português moderno popular do Cariri cearense, presentes na literatura de Patativa do Assaré, é notória a herança sócio-histórica, demonstrada pelo léxico, do *terminus a quo* no *terminus ad quem*. Embora esse legado léxico-cultural remonte a tempos muito antigos – como a formação da província da Lusitânia romana –, quando observado sob um recorte temporal menor, como o estipulado neste estudo, verifica-se ainda mais evidente a *identidade* sócio-histórica do povo que habitava o Portugal medieval e aqueles que habitam o atual Cariri do Ceará.

Não obstante, ainda há muito que se compreender e se pesquisar sobre essa *identidade* léxico-cultural, tendo em vista que os breves exemplos aqui apresentados não conseguem abarcar toda a riqueza linguística e cultural do Cariri cearense. Na verdade, este estudo não teve pretensão de esgotar aqui a discussão sobre o tema, mas de acrescentar considerações obtidas a partir dos resultados das análises etimológicas aqui feitas, a saber: que o Cariri cearense é uma

região frutífera para os estudos da Filologia, da Linguística Histórica, da História da Língua Portuguesa, e demais ciências que porventura se beneficiarem da compreensão desse elo sócio-histórico.

Referências

ALINEI, Mario. Thirty-five definitions of etymology or: etymology revisited, in: Werner Winter (ed.). **On languages and Language – The Presidential Addresses of the 1991 Meeting of the SocietasLinguae Europaea**. Berlin, New York: Mouton de Gruyter, 1995.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.

AMSLER, Marks. **Etymology and grammatical discourse in late antiquity and the early Middle Ages**. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1989.

ASSARÉ, Patativa. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**. Petrópolis: Vozes, 1989.

ASSARÉ, Patativa. **Cordéis e Outros Poemas**. Fortaleza: CCV UFC, 2006.

AMARAL, A. **O dialeto caipira**. São Paulo: Parábola, 2020.

AMSLER, Marks. **Etymology and grammatical discourse in late antiquity and the early Middle Ages**. Philadelphia, John Benjamins Publishing Company, 1989.

AUSTIN, John Longman. **Philosophical Papers**. Oxford: Clarendon Press, 1961.

BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de Filologia Românica**. São Paulo: EdUSP, 2001.

BORDELOIS, Ivonne. **Etimología de las pasiones**. 1ª ed. Buenos Aires: Libros del Zorzal, 2006.

CARDEIRA, Esperança. **O essencial sobre a história do português**. Lisboa: Editorial Caminho, SA, 2006.

CUNHA, Antônio Geraldo da. **Vocabulário histórico-cronológico do Português Medieval**. Ed. rev., Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 2014. Disponível em: <<http://medieval.rb.gov.br/verbete.php?verbete=afry%C3%A7om&id=3345>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FERREIRO, Manuel (dir.) (2014-): **Universo Cantigas. Edición crítica da poesía medieval galego-portuguesa**. Universidade da Coruña. Disponível em: <<https://www.universocantigas.gal/glosario>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

FARIAS, Airton de. **História do Ceará**. 6. ed. Fortaleza: Armazém da Cultura, 2012.

GRÁCIO, Rui. Ensino Primário e Analfabetismo, in: SERRÃO, Joel (dir.). **Dicionário de História de Portugal**. Vol. 2. Lisboa: Livraria Figueirinhas, 1971.

HOUAISS. Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009. Disponível em: <https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-o/html/index.php#0>. Acesso em: 12 abr. 2022.

IDICIONÁRIO Aulete. Disponível em: <<https://aulete.com.br>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

LAUAND, Jean. **Filosofia, linguagem, arte e educação: 20 conferências sobre Tomás de Aquino**. São Paulo: Factash Editora, 2007.

LOPES, Graça Videira; FERREIRA, Manuel Pedro *et al.* (2011-), **Cantigas Medievais Galego Portuguesas [base de dados online]**. Lisboa: Instituto de Estudos Medievais, FCSH/NOVA. Disponível em: <<https://cantigas.fcsh.unl.pt/index.asp>>. Acesso em: 12 abr. 2022.

MATTOS E SILVA, Rosa Virgínia. O conceito relativo de neologismo e arcaísmo: um estudo pancrônico. In: OLIVEIRA, J. SOUZA, H.F.C.; SOLEDADE, J. (orgs). **Do português arcaico ao português brasileiro: outras histórias**. Salvador: EDUFBA, 2009.

OLIVEIRA, Gilvan Müller de. **Declaração universal dos direitos linguísticos: novas perspectivas em política linguística**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2003.

PORTELLA, Cláudio. **Patativa do Assaré: Melhores Poemas**. São Paulo: Global, 2012.

RAMALHO, Elba Braga. Aspectos do falar nordestino em Samarica Parteira. **Rev. de Letras**, Fortaleza, v. 20, n. 1/2, p.30-36, jan./dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Arto5.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2022.

TEYSSIER, Paul. **História da língua portuguesa**. 2. ed. Tradução de Celso Cunha. São Paulo: Martins, 2014.

VIARO, Mário Eduardo. **Etimologia**. São Paulo: Contexto, 2011 [2a impressão corrigida: 2014].

VIDOS, BenedekElemér. **Manual de linguística românica**. Tradução José Pereira da Silva. Rio de Janeiro: EDUERJ, 1996.

VILELA, Mário, O léxico do português: perspectiva geral. **Filologia e língua portuguesa**, 1: 31-50. São Paulo: FFCH/USP, 1997.